



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**MONOGRAFIA
KATHYA BARBOSA FERNANDES**

**ÉTICA ANIMAL: ASCENSÃO E QUEDA, UMA TRAJETÓRIA NA VISÃO
ANTROPOCÊNTRICA EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS.**

**BRASÍLIA
2015**

KATHYA BARBOSA FERNANDES

**ÉTICA ANIMAL: ASCENSÃO E QUEDA, UMA TRAJETÓRIA NA VISÃO
ANTROPOCÊNTRICA EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS.**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito para a conclusão do curso de graduação em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento.

**BRASÍLIA
2015**

FERNANDES, Kathya Barbosa.

Ética Animal: Ascensão e queda, uma trajetória na visão antropocêntrica em relação aos animais.

50 f.

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito para a conclusão do curso de graduação em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento.

1- Mito. Mitologia. Ética animal.
I.Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento, pela confiança e respeito às minhas idéias e às próprias dificuldades pessoais ao fazer o trabalho.

Agradeço ao anjo, que surgiu em minha vida, chamado Geraldo, companheiro determinado e amoroso.

Agradeço à minha filha Karina, pela maior amizade e estímulo constante.

Agradeço à Vichy...quem me salvou tantas vezes...quem me ensinou na prática o que escrevi aqui...

“Quero encontrar um jeito de falar com meus semelhantes humanos que seja calmo e não inflamado, filosófico e não polêmico, que traga iluminação e não divisão entre puros e pecadores, redimidos e danados, carneiros e bodes.

“Eu tenho acesso a essa linguagem, eu sei. É a linguagem de Aristóteles e Porfírio, de Agostinho e Aquino, de Descartes e Bentham, de Mary Midgley e Tom Regan em nossos dias. É uma linguagem filosófica que podemos usar para discutir e debater que tipo de alma têm os animais, se eles possuem razão ou se são, ao contrário, autômatos biológicos, se têm direitos em relação a nós ou se simplesmente temos deveres em relação a eles.”

J.M. Coetzee.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a existência de ética nos dias atuais no trato com os animais. Bem como uma breve contextualização histórica da existência de animais em mitos. Da condição de sacralidade destes animais à mera situação de instrumentos do comércio, que fizeram com que se perdesse a importância da ética no relacionamento entre as espécies. Foi abordada a perspectiva de que o mito em alguns momentos favoreceu a existência de ética no trato dos seres sencientes, e que, a sacralidade a que alguns foram alocados, acabou por implicar no sacrifício de outros de outras espécies. A condição de animais míticos de alguns, não favoreceu a todos, salvo, no xamanismo em que a relação do ser humano com os animais ganha outra dimensão, a dimensão espiritual, e dessa forma, abarca se não todas, mas quase todas as espécies. A constatação de que o materialismo atual leva a insensibilidade no trato que o ser humano tem com os seres sencientes, prejudicando desta forma a existência da ética nesta relação.

Palavras-chave: Animais. Ética animal. Mitos. Mitologia. Filosofia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MITOS E ANIMAIS.....	11
2 – MITOLOGIA, XAMANISMO E ANIMAIS	266
3 - POR UMA ÉTICA ANIMAL	333
CONCLUSÃO.....	47

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, em um primeiro momento, o que se pretende é escrever sobre a ética animal, como o ser humano tem se relacionado com eles e se este relacionamento progrediu ao longo do tempo no que se refere aos cuidados que se deve observar em relação a estes seres sencientes.

O objetivo central deste trabalho é o estudo sobre como a ética animal pode ser auxiliada pelos mitos, ou seja, na forma como os seres humanos veem e se relacionam com os seres não-humanos. É possível identificar que há mitos favoráveis aos animais e mitos não favoráveis a esses seres.

Neste contexto, faremos uma explanação generalizada e sem um contexto temporal linear. Apenas exemplos de certas culturas onde se propagam relações diferentes acerca de alguns mitos relacionados aos animais. Foram escolhidos três exemplos: a deusa Bastet no Antigo Egito, gatos perseguidos no período medieval e sociedades xamânicas para ilustrar como os humanos podem se relacionar com os animais não-humanos. O que os três exemplos possuem em comum é o fato de mostrar como uma narrativa mítica pode influenciar no comportamento ético ou não no trato com os animais envolvidos.

É possível se inferir nas culturas preocupadas com uma visão não especista, uma maior preocupação ética em relação aos animais. Aliás, trata-se aqui de uma ética dirigida aos animais humanos no trato com os animais não-humanos. Esta ética se fundamenta no cuidado e respeito que se deve dirigir a outros seres vivos, independentemente de sua espécie ser ou não a espécie humana.

Considerando-se que apesar de todo o movimento direcionado ao de menosprezo pelo assunto quando se trata de mitos, quando se faz um estudo mais atento é possível se perceber o quão se está envolto em mitos, ainda no mundo atual. À nossa volta é possível identificar um padrão de comportamentos influenciados por mitos, ainda que em sua maioria não se tenha consciência de que tais normas estabelecidas sejam normas postas através de narrativas míticas.

Assim, o mito influencia grande parte das pessoas em suas escolhas, sejam elas falsas ou verdadeiras. Pois o papel do mito antes de tudo é fazer o que a ele é proposto. Ele faz o que tem de fazer. O mito é responsável por uma identificação entre os sujeitos, criando sem que se perceba um forte laço no comportamento.

Partindo-se de um momento em que alguns animais já foram tratados pelos seres humanos como detentores de poderes sagrados a ponto de serem venerados, hoje isto já não ocorre mais, pelo menos como antigamente. Apesar de ainda ser possível encontrar sociedades onde animais sejam venerados como seres sagrados, como por exemplo em comunidades hindus, em templos destinados à veneração de ratos, macacos e vacas entre outros.

Em tradições primitivas, um conhecimento era passado de geração à geração através de narrativas míticas, onde um corpo de ensinamentos era transmitido de forma poética e repleto de sensibilidade e não raro diziam respeito a animais como seres míticos. O mito fazia parte da cultura e ao mesmo tempo explicava o mundo.

Recentemente, a mídia mundial voltando seu foco para o êxodo das dezenas de milhares de pessoas que estão fugindo dos seus países (por exemplo a Síria), não reportam nenhuma imagem destes refugiados sendo acompanhados pelos seus possíveis animais de estimação, tão pouco nos locais de guerra tem sido observado a existência de cães ou gatos, ao menos nas áreas filmadas.

Estas imagens ou reportagens nos levam a refletir num primeiro momento se aqueles povos não cultivam o hábito de ter animais domésticos. Entretanto, eis que chama atenção dos repórteres o fato de um jovem refugiado de 17 anos, ter caminhando cerca de 500 km da Síria à Grécia com sua cadelinha para fugir dos horrores da guerra.¹

Questionado pelos repórteres sobre o porquê de estar levando consigo seu animal de estimação, tendo inclusive que diminuir sua bagagem pessoal para dar conta de levar seu animalzinho, o jovem deu a resposta mais lógica possível, levava-a porque a amava e por isso não poderia deixá-la, apesar de terem lhe dito que não poderia levá-la.

¹ <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/21/amor-faz-refugiado-sirio-de-17-anos-levar-cadela-para-a-grecia.htm> 30-11-2015.

Essa matéria trouxe um certo espanto quanto aos motivos que tiveram tais repórteres para fazerem tal reportagem. A princípio o que lhes chamou a atenção foi a responsabilidade de alguém tão jovem? Foi a distância percorrida? Foi o fato de alguém se preocupar em também retirar seu animal de uma área de guerra? Outras pessoas já não haviam feito o mesmo? Ele estava sendo o único?

Estas questões inquietaram nosso espírito, pois diante de uma visão ocidentalizada, este fato deveria ser o procedimento comum e corriqueiro de todos aqueles que possuem animais domésticos. No entanto, parece que essa premissa não é verdadeira por isto foi motivo da reportagem, razão pela qual encontramos mais motivos para levar em frente o presente trabalho, onde se pretende buscar respostas ao questionamento inicial sobre se houve progressos da humanidade ao longo dos séculos no que concerne ao trato e cuidados com os animais que nos cercam.

É claro que não se pretende nestas páginas exaurir o conhecimento que se possa obter destes questionamentos, entretanto, espera-se ter uma visão, mesmo que parcial, mas que nos apontem ou demonstrem que caminhos tomamos desde a época em que os animais eram venerados por nossos antepassados até os dias atuais.

A motivação deste trabalho reside no fato em que estando o ser humano a viver em uma época onde predomina a tecnologia, e o conhecimento evolui rapidamente, tornando, como se diria, obsoletos do dia para a noite artefatos tecnológicos, cabe diante desta realidade uma pequena pausa para nos questionarmos se nossa evolução também caminhou e caminha a passos largos no que tange ao trato e cuidado com estes seres.

1 - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MITOS E ANIMAIS

Para que se possa avaliar com mais propriedade se houve uma evolução dos seres humanos no trato e na forma como lidam com os seres sencientes, tanto quanto houve na área tecnológica, faz-se necessário um breve retorno à história onde se pode encontrar registros de que alguns destes seres detinham a categoria de seres sagrados.

Este retorno ao passado, por óbvio, será objeto de apenas breves comentários, tendo em vista o lapso temporal, pois a citação da história por si mesma, não é o objeto do presente trabalho, razão pela qual necessário se faz para uma melhor contextualização das análises que serão feitas, iniciarmos pelo conceito de mito.

O mito antecede a própria filosofia, é uma expressão de conhecimento anterior à noção de conceitos. O mito é um conhecimento intrínseco à essência do homem enquanto ser social. Assim, a mitologia surge como um conhecimento adquirido no seio da comunidade a que se faz parte.

A mitologia é um conjunto de mitos relacionados a um determinado grupo social específico, com relatos e práticas narrativas, transmitidos ao longo dos tempos. Contudo, é de igual forma um ramo do saber filosófico e científico, que pesquisa a origem e o desenvolvimento e a própria natureza dos mitos.

Sendo o mito um modelo exemplar, ele essencialmente conta uma história sagrada, identificando um acontecimento primordial, onde se revela antes de tudo um mistério. Mistérios só podem ser revelados, e é a partir da revelação que o mito adquire uma condição diferenciada: o mito torna-se uma verdade apodítica, funda a verdade absoluta. Essa verdade refere-se a realidades sagradas.²

Desta forma, passa o mito a apresentar duas de suas características, a primeira de demonstrar um modelo a ser identificado como exemplar e o segundo de se ligar a uma realidade sagrada. Somadas estas duas características chega-se a uma terceira, a capacidade heurística destas narrativas exemplares e sagradas.

² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010. pág. 84.

O mito é uma forma de linguagem, de representações simbólicas, com função cognitiva e a partir desta dimensão, desencadeia-se na filosofia.³ A perda da inocência mítica, leva à perda da imediaticidade do sentido do mundo; apesar de o mito sempre permanecer às investidas do pensamento conceitual, o próprio discurso racional mantém certa mediação narrativa. A filosofia se mantém entre a eficácia mítica e a luminosidade do pensamento racional, que separa e delimita para conhecer. “Como jogo, o mito não mente, nem diz a verdade, ele faz o que tem de fazer.”⁴ E nessa informação passada pelo mito, enquanto veículo de informação, é que se ganha a perpetuação de valores sociais e educativos.

Apesar de muitos considerarem os mitos como absurdos ou mentiras exageradas, inclusive colocando-os como opostos à ciência, esta é uma maneira equivocada de entendê-lo. Há quem defenda ser exatamente o contrário, elegendo os mitos como símbolos poderosos para interpretação e compreensão do mundo.⁵

Diante da mentalidade positivista do século XIX, há uma quebra radical entre mito e filosofia, onde o primeiro é tratado como um tipo de linguagem inferior e incapaz de transmitir conteúdos racionais ou mais elevados.

Contudo, no século XX, diante de contribuições da Psicanálise, Linguística Estrutural, História Comparada das Religiões e da Etnologia; e com o apoio de filósofos, funcionalistas, simbolistas e estruturalistas como Malinowski, Levy Bruhl, Cassirer, Freud, Mircea Eliade, Dumézil, Gernel, Lévi-Strauss – surgem novas tendências interpretativas – colocando a mitologia como ciência. O pensamento mítico ganha autonomia. O mito passa a ser considerado um discurso sob a perspectiva da totalidade e coerente às estruturas profundas e inconscientes do ser humano. A função heurística e pedagógica, desperta a inteligência para alguns problemas da realidade.⁶

Em muitas áreas da ciência hodierna são detectados expoentes que defendem uma visualização mais sensível e espiritual da ciência. Marcelo

³ MARQUES, Marcelo.P. *Mito e Filosofia*. Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, caderno de textos 2, set. 1994. P.31.

⁴ MARQUES, Marcelo.P. *Mito e Filosofia*. Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, caderno de textos 2, set. 1994. P.34-36.

⁵ MIDGLEY, Mary. *A presença dos mitos em nossas vidas*. 1ªed. São Paulo: Ed. Unesp, 2014. pag. 21.

⁶ SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo, Martins Fontes, 2010. p. 21-22.

Gleiser auto-declarado como cientista profundamente preocupado com questões espirituais, aborda a importância do “lado humano da ciência”, e relembra Einstein que defendia uma devoção à ciência definida como “sentimento religioso cósmico”; tal definição associava o estudo racional da natureza à uma dimensão espiritual. Gleiser vai além e defende a necessidade de se explorar o aspecto complementar entre espiritualidade e ciência.⁷

Na psicanálise, segundo Jung, os símbolos possuem dois aspectos distintos, e por isto, quando um psicanalista se propõe a estudá-los, deve separá-los em dois contextos: os símbolos *naturais* e os símbolos *culturais*. Os culturais têm sua origem em conteúdos inconscientes do próprio psiquismo, os quais são representações arquetípicas essenciais; alguns têm origem em registros antigos na própria sociedade. Os culturais são aqueles utilizados muitas vezes por religiões para expressar “verdades eternas”. Há uma “magia” nos símbolos culturais, eles são capazes de provocar reações com elevado cunho emocional em algumas pessoas.⁸

Contudo, duas proposições são postas na contemporaneidade. A primeira é a da mentalidade positivista, que propõe uma quebra radical entre mito e filosofia. A segunda trata da possibilidade de continuidade e existência entre o mito e razão. Ou seja, há uma lógica no mito, uma referência a ser desvendada. Na práxis mítica, o mito é uma coisa viva, preservada por tradição oral e por situações sociais específicas.⁹ Essa quebra do valor mítico pelo pensamento positivista traz à cultura local uma perda de referências de valor quanto a aspectos da vida e da morte.

Quando uma sociedade primitiva tem seus valores espirituais violados por uma sociedade moderna, seus indivíduos e sua sociedade se desintegram, entrando em profunda decadência moral. De igual forma, na proporção que o conhecimento científico aumenta, diminui a humanização do mundo.¹⁰

A própria posição dada aos juízes em nossa sociedade foi analisada por Joseph Campbell, mais pelo viés mitológico do que pelo sociológico. Segundo ele, a força e respeito dos magistrados são representados pela

⁷ GLEISER, Marcelo. *Micro macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço*. São Paulo: Publifolha, 2005. p. 24.

⁸ JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000. p. 93.

⁹ MARQUES, Marcelo.P. *Mito e Filosofia*. Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, caderno de textos 2, set. 1994. P.20-22.

¹⁰ JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000. p. 94 - 95..

necessidade da toga magisterial, como forma explícita de ritualização. Neste caso específico, a necessidade de impor a autoridade e coerção faz-se mister a partir da sensibilização mítica do poder de autoridade.

Tal influência está em aspectos muito comuns da vida contemporânea como religião, amor, guerra e morte. ¹¹É o poder do mito fazendo seu papel heurístico na sociedade como um todo. Não há quem deixe de sentir a importância da ritualística de um tribunal, de um casamento, ou de uma declaração de guerra.

A relação das pessoas com o mundo à sua volta mostra muito da relação daquilo com que vai dentro delas. Sem dúvida o que vai dentro de cada um é exteriorizado através das relações entre indivíduo e o mundo exterior.

De igual forma, é possível muitas vezes perceber-se o quanto o mundo do outro invade a existência de um indivíduo, trazendo de forma velada, ou às vezes declarada, uma gama de valores e hábitos, uma necessidade de homogeneização, uma busca pela identidade consensual: um indivíduo se situa na confirmação ou aceitação do que o outro indivíduo, em sua própria alteridade venha confirmar a ambos uma agência mútua.

Este mecanismo encontra amparo entre os membros de uma comunidade, pequena ou grande, próxima ou distante, até que um dos agentes se dispõe a quebrar a homogeneização, indicando a necessidade por um rumo diferenciado, ou quem sabe um caminho individual.

Mas aqui também surgirá com o tempo uma onda de movimentos congregatórios, pois outros indivíduos também desejarão ser diferentes, aproximando-se daquele indivíduo inicial que rompeu com os paradigmas anteriormente estabelecidos.

Similitude, alteridade, similitude. Um ciclo levando a outro, levando a outro. Uma busca de constante unificação e separação. Une-se e separa-se, ao se separar ocorre uma nova junção de similares que não mais se contentavam com o grupo maior.

O grupo posterior, ou noviço, cresce, atrai outros dissidentes, e em determinado momento torna-se apto a críticas, descontentamentos, e finalmente, chega um ponto de ruptura. Também já não consegue manter seus

¹¹ CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. Palas Athenas, São Paulo, 1990. p. 8.

indivíduos satisfeitos quanto a suas propostas iniciais, motivos pelos quais foi estabelecido.

A alternância entre o ponto de ruptura de um, ou heterogeneidade, e a identificação com o outro, ou homogeneidade, é possível ser observada em todos os aspectos que se possa observar naquilo que diz respeito aos homens, enquanto indivíduos, ou enquanto membros sociais de um grupo; seja no interior da família, da comunidade, ou de sociedades.

Aproximação e repulsão, repulsão e aproximação. Para cada ato de congregação, surgirá como consequência um ato de repulsão. Talvez, a pergunta a se fazer seja: haverá um ponto de equilíbrio a ser alcançado, ou tal movimento é o mais desejável em termos de compreensão do indivíduo consigo mesmo e com a realidade à sua volta?

Pode-se cogitar no equilíbrio como algo desejável, ou quem sabe a maior expressão da estagnação? Será o desequilíbrio, ou oscilação, a melhor forma de movimento e evolução? Este tipo de racionalização e análise será capaz de ser usada em situações diferentes, criando-se um padrão a ser investigado, enquanto casos concretos?

A era Axial (c. 1600-900 a.C.), segundo Karen ARMSTRONG, um período identificado pelo filósofo Karl Jaspers como um período de grandes transformações espirituais da humanidade, inclusive com o surgimento das grandes tradições religiosas: confucionismo e daoísmo, na China, hinduísmo e budismo, na Índia, judaísmo em Israel e racionalismo na Grécia.¹² Foi um período de intensa mudança na história da humanidade. Praticamente em todos os aspectos circundantes e inerentes à humanidade operaram-se alterações de comportamento. E estas ocorreram em campos, como: o intelectual, o psicológico, o religioso e o filosófico.

Ainda segundo a mesma autora, não haveria nada comparável até a Grande Transformação Ocidental, que instituiu nossa modernidade científica e tecnológica. Mesmo se tratando de um período histórico tão distante, onde se concebe aquilo que ela chama de exercício de arqueologia espiritual, mostra-se o que normalmente é chamado de crise, e neste contexto, crise espiritual e social.

¹² ARMSTRONG, Karen. *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pág.12.

Parece ser claro que uma busca levou a consciência humana a descobertas em relação à transcendência, no entanto, não a partir de um aspecto sobrenatural, mas sim, a partir da própria experiência pessoal de cada indivíduo. Numa melhor tradução daquilo que se chama experiência religiosa empírica, Karen diz:

O importante não é o que o indivíduo acredita, mas como ele se comporta. Religião tem a ver com fazer as coisas que produzem mudanças profundas no adepto. Antes da Era Axial, o ritual e o sacrifício de animais estavam no centro da busca religiosa. Vivenciava-se o divino em dramas sagrados...Os sábios axiais mudaram esse quadro; ainda valorizavam o ritual, porém lhe conferiram um novo significado ético e punham a moralidade no âmago da vida espiritual.¹³

Segundo aquela autora, para eles a busca estava em desenvolver um ser humano melhor, por intermédio de uma espiritualidade exercida através da empatia e da compaixão. E para os povos da Era Axial a ética e a compaixão era o caminho a ser percorrido.

De outro ponto de vista, percebemos que havia uma forma de conexão entre os homens e o sagrado, que perpassava por uma presença imanente do mundo que os cercava. Objetos do mundo carregavam em si características de uma ordem cósmica diferenciada. Homens, mulheres, deuses, animais, plantas e pedras poderiam canalizar poderes de uma outra faceta da realidade: a sacralidade.

Em *O sagrado e o profano*, Mircea Eliade, trata das *hierofanias*, objetos que revelam o sagrado, manifestam realidades sagradas e, principalmente, objetos que já não são mais simplesmente materiais. Uma pedra, uma árvore, um animal, ou um ser humano, quando manifestam algo “de ordem diferente” da realidade além do mundo físico ou profano, entram em um aspecto manifestamente sagrado. Assim, a pedra sagrada, a planta sagrada, o animal sagrado, o homem sagrado ultrapassam o mundo profano e adentram o mundo sagrado, segundo esse autor:

Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma

¹³ ARMSTRONG, Karen. *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pág.14.

pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que tem uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.¹⁴

A presença de animais nos mitos é relativamente comum, entretanto, em sua maioria tem-se uma presença pouco favorável a estes seres. Pois, o mais provável é encontrarmos uma devoção em relação às qualidades apresentadas por estes animais, que despertaram e despertam o interesse ou desejo nos seres humanos de forma a desejarem apropriar-se dessas qualidades a partir do sacrifício destes seres. Ou seja, nos parece um aspecto claro do especismo.

Neste aspecto, apesar de serem identificados como portadores de qualidades além da realidade profana, apresentando um estado sagrado em potência, tal condição não os assegura, na maioria das situações, uma condição de respeito e segurança.

Vemos claramente este fato no texto de Mike quando cita o Intercâmbio de almas em sua obra dizendo:

Intercâmbio de Almas

Na Sibéria, as pessoas mantêm o equilíbrio oferecendo a própria alma em troca da alma de todos os animais que elas tomaram na caça. Assim como o homem vive da carne e da energia dos animais, a alma destes vive da carne e da energia do homem. Conforme as pessoas matam e consomem mais energia animal, a alma dos animais consome mais energia humana, e é por isto que as pessoas envelhecem e morrem. A morte humana, quando acontece, é o acerto definitivo, não só pelos animais que a pessoa matou em sua vida, mas também por aqueles que seus descendentes irão matar no futuro. O consumo mutuo de energia gera morte para pessoas e animais da mesma forma em um círculo infinito de reciprocidade.

Muitos xamãs viajam até os espíritos dos animais para negociar em prol da sua comunidade, tentando reduzir a quantidade de energia exigida do homem enquanto aumenta o número de animais mortos na caçada. Os evenques chegam até a sacrificar membros da comunidade em troca de mais caça, lançando flechas nas habitações – quanto mais perto uma flecha chegar da moradia, maior a probabilidade de a pessoa que mora nela morrer logo. A vida dos indivíduos são

¹⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010. pág. 18.

entregues para que a comunidade possa viver. Um xamã pode se casar com um espírito animal e cumprir os deveres de esposo, negociando a troca de almas humanas por energia animal. A instituição do casamento estabelece os termos e as obrigações de tal acordo. O próprio xamã não pode comer a carne da espécie com que se casou, pois isto seria incestuoso. Devemos pensar em nossa relação com os animais e em como restabelecer a reciprocidade e o respeito como os povos tradicionais já o fazem. Tomar e consumir a vida animal é uma forma de transferência de poder – do animal para o homem. Mas como daremos algo em troca? Nossa intenção não deveria ser provocar a morte, mas sempre gerar o renascimento e trazer nova vida.¹⁵

Diante desta fala, talvez este seja o mais danoso dos aspectos na forma como os animais são vistos, pois até são considerados como detentores de poderes sagrados, mas para que possam transferir estes poderes aos humanos acabam transferindo tais poderes a partir de sua energia vital, o que significa serem sacrificados para que essa transferência seja efetivamente alcançada.

Em níveis diversos, cada um a seu modo, os animais fizeram parte de todas as religiões do mundo mediterrâneo. A partir de uma interpretação simples, é possível se identificar nos povos primitivos uma adoração aos animais (totemismo), um momento posterior, os mesmos povos passaram a assimilar os animais (zoomorfismo), e finalmente há a representação de deuses em formas humanas acompanhadas de animais, numa reminiscência a estados anteriores (híbridos, deuses humanos com cabeça ou pés de animal).¹⁶

Para uma melhor compreensão, tem-se a definição de totemismo, no Dicionário Aurélio¹⁷, como:

1. Crença no totem;
2. Antrop. O conjunto de práticas sociais, crenças religiosas e ritos relacionados aos totens;
3. Restr. Antrop. Termo com o qual se designa a associação simbólica que, em cultos, povos e culturas, se faz entre determinado objeto ou ser não humano e determinado grupo ou classe de pessoas, e que geralmente se apresenta como um sistema de práticas e crenças institucionalizadas, cuja característica mais comumente observada é a existência de algum tipo de vínculo entre a espécie natural e um clã exógamo, manifestada na

¹⁵ WILLIAMS, Mike. *O espírito do xamã: Magia, filosofia e espiritualidade em harmonia com a natureza*, 1ª ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2013. p.47

¹⁶ PRIEUR, Jean. *Les animaux sacres dans l'antiquité*. Art et religion du monde méditerranéen. Quest-France, 1988. p. 10.

¹⁷ HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da Língua Portuguesa*.

afirmação de que os indivíduos desse clã pertencem àquela espécie ou têm com ela um ancestral comum, e estão por isso obrigados a demonstrar respeito cumprir certas obrigações para com o totem.

A definição de zoomorfismo, pelo mesmo dicionário:

1. Representação de divindades sob a forma de animais;
2. O uso de formas ou de símbolos animais na arte, na literatura, etc.

E para finalizar, a definição de antropomorfismo:

1. Tendência a atribuir, ou a formar pensamento que atribui formas ou características humanas a Deus, deuses, ou quaisquer outros entes naturais ou sobrenaturais;
2. Filos. Aplicação a algum domínio da realidade (social, biológico, físico etc.) de linguagem ou de conceitos próprios do homem ou do seu comportamento.

A partir da compreensão destes conceitos, é possível se estabelecer um melhor entendimento acerca de como os povos antigos se relacionavam com o mundo a sua volta. Seja através da representação do mundo sagrado, seja da representação dos animais enquanto detentores daquela sacralidade.

Apesar da importante presença dos animais em religiões no mundo mediterrâneo, é possível se destacar dois países onde os animais tiveram uma grande mistura com os deuses: Egito e Gália.¹⁸

Relatos demonstram que nem todos os animais detinham uma posição de superioridade junto aos homens e em relação aos deuses, segundo a compreensão humana.

No Egito antigo, o culto aos animais é um elemento fundamental na religião egípcia. Babuínos, carneiros, chacais, gatos, cães, cobras, crocodilos, falcões, rãs, ouriços, hipopótamos, leões, peixes, escaravelhos, escorpiões, serpentes, macacos, touros, vacas, abutres dentre outros detinham uma posição de superioridade garantido-os diversos cultos e em alguns casos rituais funerários onde o animal era embalsamado e conservado na tumbas sagradas, na internet por exemplo encontramos comentários a esse respeito:

BASTET, a deusa gata da **mitologia egípcia**. Protetora dos gatos, das mulheres, da maternidade, da cura. Era guardiã das casas e feroz defensora dos seus filhos, representando o amor maternal. Tem também grande ligação com a Lua, porque a luz

¹⁸ PRIEUR, Jean. *Les animaux sacres dans l'antiquité*. Art et religion du monde méditerranéen. Ouest-France, 1988. p. 7.

e a magia da Lua influência a todos os felinos. Bastet é uma das esposas de Rá (deus Sol), com quem foi mãe de Nefertum e Mihos. É representada como uma **Gata Preta**, com um brinco e um colar ou uma mulher com cabeça de gato segurando um sistro, instrumento musical sagrado.

Os antigos egípcios representavam os seus deuses com aspecto humanos e cabeça de animal. Cada deus tem seu animal sagrado associado e digno de adoração, como se fosse a própria divindade. E tal como os humanos os animais eram também mumificados para assim poderem ser preservados no além. Os gatos eram tão sagrados no antigo Egito, que quem matasse um gato era condenado à pena de morte. Considerado um ser divino, ao ponto que quando um deles morria de morte natural, as pessoas da casa raspavam as sobrancelhas em sinal de luto.

O **Templo de Bastet** era em Bubastis (cidade do Delta do Nilo), cujo nome em egípcio "Per-Bast" (significa: "a casa de Bastet"), mantinha gatos sagrados que eram embalsamados em grandes cerimônias quando morriam, porque eram considerados como encarnação da deusa.

Bastet, Bast, Ubasti, Ba-en-Aset ou "Ailuros", palavra grega para "gatos" e a palavra egípcia para o gato era "Mau".

Bastet foi uma das divindades mais veneradas no Antigo Egito. Nas festas dedicadas a Bastet, as ruas enchiam-se de música, de dança, brincadeiras, com muita comida, muitos doces, mel e vinho. **As sacerdotisas de Bastet desciam o rio Nilo, anunciando as festividades em homenagem à deusa usando uma espécie de sino de metal, os snujs. A bailarina purificava o ambiente ao dançar com os snujs espantando os maus espíritos.**

O símbolo do **GATO PRETO** era utilizado pelos médicos egípcios para anunciar a sua capacidade de cura.¹⁹

A deusa da felicidade e da fecundidade, Bastet, é um exemplo de como os gatos tornaram-se objetos de verdadeiro culto religioso. Estima-se que os gatos selvagens foram domesticados por volta de 4.000 anos atrás, e em função de sua adoração, esses animais eram protegidos por lei.

Quem exportasse um gato, recebia pena de morte, quem matasse um gato recebia pena igual e aos que tivessem um gato acometido por morte natural tinham o dever de vestir luto em memória deste animal sagrado.

Apesar de algumas mudanças na forma de se tratarem os gatos, tal condição de respeito perdurou até o início da Idade Média, quando infelizmente estes animais passaram a ser associados às bruxas. A partir daí passaram a ostentar um posição marginalizada, que apesar de tal condição ter mudado ao

¹⁹ <http://olhosdebastet.webnode.com.br/deusa-bastet/> 22-11-2015.

longo dos anos, sendo atualmente considerado com bons animais domésticos (pets), ainda são estigmatizados em muitos locais. Talvez, tal preconceito venha da própria origem do nome dos gatos, que tanto da palavra grega como da palavra egípcia significavam “mau”.

Na Gália, tem-se outra cultura primitiva totêmica onde os animais detiveram posição de destaque quanto à religião. Alguns animais também ostentavam o direito a cultos específicos.

Totem, segundo o dicionário Aurélio:

1. Em diversos povos e sociedades, animal, vegetal ou qualquer entidade ou objeto em relação ao qual um grupo ou subgrupo social (p.ex. uma tribo ou um clã) se coloca numa relação simbólica especial, que envolve crenças e práticas específicas, variáveis conforme a sociedade ou cultura considerada;
2. Representação desse animal, vegetal ou objeto.

Os celtas fixaram-se na Gália, na segunda era do ferro, e veneravam deuses individualizados. O panteão gaulês é próximo ao panteão romano. Mas a diferença se encontra no fato de que o gaulês deu um lugar de importância aos animais através de mitos e da religião. Os deuses galeses são quase sempre associados a animais: o deus de Lezouz portava chifres de touro, o deus de Bouray tinha pernas que terminavam em cascos de veado, o Chifrudo ou Cornudo era um deus com galhos, Epona era inseparável de seu cavalo, o deus de Euffigneix era ornamentado em relevo com a forma de um javali. Assim como os egípcios, os celtas transformaram animais em motivo de adoração.²⁰

Esta associação entre animal e sagrado trouxe em certos aspectos uma visão positiva para os animais, pois alguns representavam as próprias divindades. Nestes casos, a própria condição de sacralidade era estendida como um pálio de proteção aos animais.

Mas como se observa nem todos os animais se beneficiaram com o fato da sua espécie ter sido eleita à condição de representantes divinos ou serem atrelados à condição de deidades, pois como visto muitos foram sacrificados para que deles os homens pudessem obter os poderes místicos que supostamente possuíam.

²⁰ PRIEUR, Jean. *Les animaux sacres dans l'antiquité*. Art et religion du monde méditerranéen. Ouest-France, 1988. p.8.

Com o surgimento do cristianismo no mundo, houve uma mudança de postura da sociedade em relação ao paganismo, por influência dessa religião que não aceitava o politeísmo, porquanto seus dogmas de fé estavam vinculados a um deus único, e este seria o criador de todos os seres existentes na Terra, o que retirava os supostos poderes dos animais.

Essa situação recrudescer no período da inquisição, onde até mesmo os animais domésticos, como por exemplo gato, que outrora fora considerado um ser sagrado, naquele momento aliado à figura das bruxas que eram perseguidas e queimadas, passou a ser discriminado entre os animais domésticos, sendo este fato descrito em várias locais, e dentre estes temos o seguinte:

A superstição teve origem na Idade Média, quando se acreditava que os felinos, devido a seus hábitos noturnos, tinham parte com o demônio - e se o bichano era da cor negra, habitualmente associada às trevas, pior ainda para ele. Assim, no imaginário medieval, o gato preto tornou-se tão inseparável da mítica figura da feiticeira quanto a vassoura voadora. No século XV, o papa Inocêncio VIII (1432-1492) chegou a incluir o pobre animal em sua lista de perseguidos pela Inquisição, campanha assassina da Igreja católica contra supostas heresias e bruxarias. A perseguição atingiu seu auge na Inglaterra do século XVI, época de repentino aumento da população felina nas cidades. Consta que, em certa noite de 1560, em Lincolnshire, um gato preto foi ferido a pedradas. Encurralado, ele refugiou-se na casa de uma velhinha que costumava dar abrigo a gatos de rua. No dia seguinte, essa pessoa também apareceu machucada - o que fez o povo local concluir que ela era uma bruxa e o gato, seu disfarce noturno. Nessa tentativa de combater o paganismo, a Inquisição inverteu uma tradição milenar, pois os gatos eram reverenciados como divindades, principalmente entre os antigos egípcios. Na França, a perseguição aos gatos durou até 1630, quando foi proibida pelo rei Luís XIII (1601-1643). Há, no entanto, uma pesquisa do Hospital de Long Island, nos Estados Unidos, que indica que, pelo menos para pessoas alérgicas, o contato com um gato preto pode ter péssimos

efeitos. Isso porque os pêlos felinos dessa cor conteriam uma maior quantidade de substâncias alergênicas.²¹

No livro de Mitologia egípcia de A a Z, temos que:

1.1 A deusa Bastet e os gatos

1.1.2 Bastet

Amada como uma deusa gata pelos egípcios, Bastet foi a deusa do Delta, com possível origem no deserto líbio. Quando Bastet foi associada a Ísis, ela tornou-se a “alma de Ísis”, mas como a deusa da música e da dança, Bastet é ligada com Hathor. Seu instrumento é o sistro, o qual é carregado como um dos seus atributos.

A cidade onde Bastet era cultuada é localizado no Delta e mencionada na Bíblia como Pibeseth (Ezequiel 30:17). O nome Bastet significa “ela do vaso de alabastro” – um vaso especial que continha um perfume associado aos festivais da deusa.

Durante o Velho Reinado, Bastet era chamada de “Deusa do Norte”, e nos textos da pirâmide do rei Unas, ela era considerada “a enfermeira e a mãe do rei”. Quando Sekhmet a deusa leoa foi nomeada de “Senhora do Oeste”, Bastet tornou-se em contrapartida a “Senhora do Leste”. Representações iniciais de Bastet mostram-na com a cabeça de leoa e associada com a deusa cabeça de leão, Mut. Ela é chamada de mãe de Maahes, uma divindade com cabeça de leão, e esposa de Ptah.

Assim como Sekhmet, Bastet é associada a uma personalidade dual, gentil e feroz. Sua associação com Sekhmet revela uma Bastet com um lado agressivo e vingativo. Em uma versão da mitologia, Bastet torna-se a filha sol do deus Re, e era chamada para proteger seu pai, Bastet torna-se a “fúria no olho de Re”. Como uma filha obediente, ela realiza as ordens de Re e significava “os meios de vingança de seu pai”.

Próximo ao final do Novo Reinado (1550-1069 a.C), Bastet tornou-se uma popular deusa do lar. Famílias egípcias receberam-na em seus lares como deusa da saúde e protetora das mulheres grávidas. Seus festivais eram famosos, e ela era chamada de “deusa da fartura” e “amante do prazer”. Sua popularidade cresceu e ela passou a ser cultuada com prodigiosos festivais, alguns deles chamados de “Procissão de Bastet”. Estas ocasiões festivas envolviam dias de música, dança e alegria por todo o Egito.

O historiador grego Heródoto fornece uma animada descrição dos devotos da deusa e da forma como eles iam ao Festival de Bastet. Quando os egípcios viajavam à Bubastis, eles iam da seguinte maneira: homens e mulheres velejavam juntos, e em cada barco havia várias pessoas de ambos os sexos.

Algumas mulheres sacudiam seus chocalhos sagrados [sistro] e alguns homens tocavam flautas durante toda a viagem, enquanto outros cantavam e batiam as mãos. Quando

²¹ <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-o-gato-preto-e-considerado-mau-agouro>, 22-11-2015.

passavam por outras cidades pelo caminho, algumas mulheres gritavam alegres às mulheres locais, enquanto outras dançavam e gritavam.

Os peregrinos faziam isso em todas as cidades do Nilo. Quando eles chegavam a Bubastis, eles começavam o festival com grandes sacrifícios, e nesta ocasião, mais vinho era consumido do que em qualquer outra época do ano.

– Herodotus, *Histories*, Book II, Chapter 60.

Os adoradores aproximavam-se do templo cantando, rufando tambores e tocando tamborins. Alguns carregavam sistras (chocalhos sagrados), enquanto dançavam pelas ruas. Heródoto descrevia o templo de Bastet como estando numa parte elevada no centro da cidade, e assim era visível por toda a parte. Uma parede decorada com vários animais cercava o templo. O pátio interior era plantado com um bosque de árvores.

Tão popular foi Bastet que os gregos a identificaram com a deusa Artemis. O poeta romano do terceiro século se referiu à deusa Bastet em seu trabalho *Metamorfoses* e disse que a deusa podia se transformar em gata. Bastet foi muito mostrada com um corpo de mulher e a cabeça de gato, usando um longo e justo vestido com faixas largas nos ombros. A deusa segura seu sistro em uma das mãos, e na outra ela segura um talismã com a cabeça de um gato. Algumas vezes ela é mostrada com gatinhos a seus pés, em uma associação com a saúde e a família.

Peregrinos viajavam por todo o Egito para visitarem o templo de Bastet e levavam oferendas à deusa. Como o gato era sagrado para Bastet, eles levavam estátuas de bronze, amuletos e gatos mumificados. Milhares de múmias de gatos foram descobertas enterradas nas criptas ao lado do templo de Bastet em Bubastis.²²

1.1.3 Gatos

Os gatos eram animais amados no antigo Egito, eram animais domésticos e havia uma deusa felina que podia se apresentar ora como gata ora como leoa. Os gatos eram sempre mostrados como animais favorecidos nas pinturas das tumbas. Eles devem ter sido domesticados muito cedo no Egito, pois restos de um foram achados num enterro do período Pré-Dinástico em Mostagedda (moderna Assut).

Gatos detiveram uma importante função na mitologia egípcia. No período Ptolomaico (332-32 b.C) Bastet, filha de Re, ganhou grande popularidade como a deusa gata do prazer e do amor. Alguns gatos foram elevados a serem mumificados e usados como oferendas aos deuses.

Centenas de gatos mumificados foram descobertos em um cemitério especial em Bubastis, ao lado do grande templo de Bastet.²³

²² REMLER, Pat. *Egyptian Mythology A to Z*. Third Edition. Chelsea House Publishers, New York, 2010. p.26.

²³ REMLER, Pat. *Egyptian Mythology A to Z*. Third Edition. Chelsea House Publishers, New York, 2010. p. 37.

Na atualidade, sobretudo na sociedade ocidental, não estando mais os animais associados de uma forma geral às religiões e ou ao sagrado, perderam muito de importância e com esta perda, por lógico, o cuidado e a proteção, fato que acabou recrudescendo ao passar dos anos, que sucederam ao período da inquisição, chegando ao que talvez pudesse ser considerado um ápice da falta de proteção com o surgimento da Revolução Industrial.

Neste período, acompanhando as mudanças sociais decorrentes, sobretudo, do surgimento e fortalecimento da burguesia que crescia e se fortalecia por intermédio do comércio, onde o principal objeto a ser buscado era o ganho patrimonial cada vez maior, estes seres não conseguiram passar ilesos de tais transformações sociais.

Muitas espécies se transformaram em objetos ou matéria prima das indústrias, tais como, as indústrias de sapato, roupas, onde o couro dos bovinos, entre outros, era cada vez mais utilizado nas fábricas que surgiam. Os frigoríficos por sua vez demandavam um consumo cada vez maior desses animais, de aves, de suínos, entre outros.

Passando a ser matéria prima de várias indústrias, o cuidado ou a proteção que outrora alguns desses seres tiveram, naquele momento havia desaparecido. Isto persistiu por algumas dezenas, ou mesmo, centenas de anos, chegando aos nossos dias.

O homem com esta modernização destrói o mito, que passa a ser visto como uma mera aberração. E junto a esta destruição, se perde umas das melhores características existentes em uma narrativa mítica, sua capacidade heurística, ou seja, sua capacidade de educar por intermédio da sensibilização.

2 – MITOLOGIA, XAMANISMO E ANIMAIS

Com com os contatos entre os ocidentais e os povos indígenas, na Sibéria, nas Américas (do Alasca à terra do Fogo) entre outros, foi possível entrar em contato com uma sabedoria primitiva de grande complexidade.

Diante de uma infinidade de crenças espirituais existentes, uma delas em particular demonstra uma identificação profunda com a presença de animais, seja como fonte de inspiração, ou como fonte de consagração. O xamanismo é dessas crenças. Contudo, há pesquisadores que discutem se existe realmente essa crença, mas muitos acreditam sim, que exista uma crença denominada xamanismo.

O termo xamã refere-se ao praticante espiritual que faz viagens ao mundo espiritual para auxiliar sua comunidade, seja em questões relacionadas à realidade material, ou à realidade espiritual. Entretanto, atualmente o termo xamã é mais usado para denominar praticantes espirituais de religiões que não sejam as dominantes.²⁴

A partir de um viés diferente da visão do homem dito branco, os ameríndios possuem uma forma própria de encarar a natureza da realidade à sua volta. Para eles o conhecimento é passado através dos mitos, e tal função de mediação é exercida pelos xamãs.

Os xamãs exercem a função de diplomatas entre dois mundos: o espiritual e o material. Para tal exercício é necessário uma preparação ou iniciação, efetuada sempre por um membro da comunidade que já detenha essa autoridade.

Nos relatos de um xamã yanomami, Davi Kopenawa, para ele e os outros de sua comunidade é o homem branco que possui a ignorância em relação à natureza, pois não compreende a essência do mundo, das relações entre os seres. O homem branco conhece muito pouco da realidade, sendo comparado à uma criança que ainda tenta compreender o mundo a sua volta.

²⁴ WILLIAMS, Mike. *O espírito do xamã*. Magia, filosofia e espiritualidade em harmonia com a natureza. Ed. Alaúde Editorial, São Paulo, 2003. pág. 6.

O pensamento ameríndio é formado por uma cognição altamente elevada, e parte de pressupostos fundamentais de uma cosmologia que em muito se diferencia da cosmologia dos chamados homens brancos.

Na visão cosmológica ameríndia, no início dos tempos, todos os seres eram humanos, ou seja animais e humanos detinham a condição de humanidade. O que os diferenciou foi o fato dos humanos não evoluírem, permanecendo desde então como sempre foram. Já os animais tiveram uma mudança, aquilo que se pode chamar de evolução de uma condição à outra condição, segundo Davi:

Vocês não me conhecem e nunca me viram. Vivem numa terra distante. Por isso quero que conheçam o que os nossos antigos me ensinaram. Quando eu era mais jovem, não sabia nada. Depois, pouco a pouco, comecei a pensar por conta própria. Hoje, todas as palavras que os antigos possuíam antes de mim são claras em minha mente. São palavras desconhecidas pelos brancos, que guardamos desde sempre. Desejo, portanto, falar-lhes do tempo muito remoto em que os ancestrais animais se metamorfosearam e do tempo em que *Omama* nos criou, quando os brancos ainda estavam muito longe de nós. No primeiro tempo, o dia não acabava nunca. A noite não existia. Para copular sem serem vistos, nossos ancestrais tinham de se esconder na fumaça de suas fogueiras. Afinal flecharam os grandes pássaros da noite, os Titi kiki, que choravam nomeando os rios, para que a escuridão descesse sobre eles. Além disso eles se transformavam em caça sem parar. Assim, foi depois de todos terem virado animais, depois de o céu ter caído, que *Omama* nos criou tais como somos hoje.²⁵

Como se observa, há uma visão antropomórfica de mundo para os ameríndios, para eles há uma diferença de grau entre homens e animais, enquanto para a visão antropocentrista dos homens brancos a diferença está fundada na natureza. O dogma do antropocentrismo situa o homem no centro do universo, e conseqüentemente desclassificando tudo à sua volta, ainda que o que está à volta seja vida não humana.

Assim, diversamente do antropocentrismo, no antropomorfismo todos os seres são gente, e quem mudou foram os animais. Não há um centro baseado no humanoide. Tal concepção influencia a forma como os humanos veem o mundo à volta, não há uma espécie dominante, pois todos detêm o mesmo status no universo, segundo Eduardo Viveiros:

²⁵ KOPENAWA, Davi, BRUCE, Albert. *A queda do céu*, palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p.74.

[...] os animais são gente, ou se vêem como pessoas. Tal concepção está sempre associada à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma “roupa”) a esconder uma forma humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs. Essa forma interna é o espírito do animal: uma intencionalidade ou subjetividade formalmente idêntica à consciência humana, materializável, digamos assim, em um esquema corporal humano oculto sob a máscara animal. Teríamos então, à primeira vista, uma distinção entre uma essência antropomorfa de tipo espiritual, comum aos seres animados, e uma aparência corporal variável, característica de cada espécie, mas que não seria um atributo fixo, e sim uma roupa trocável e descartável. A noção de roupa é, com efeito, uma das expressões privilegiadas da metamorfose – espíritos, mortos e xamãs que assumem formas animais, bichos que viram outros bichos, humanos que são inadvertidamente mudados em animais -, processo onipresente no “mundo altamente transformacional (Rivière 1994) [...]”²⁶

Essa concepção chamada de perspectivismo determina uma forma paradoxal na visão de um sistema em relação ao outro. Embora seja importante ressaltar que tal concepção não se aplica a todos os animais. Normalmente, é mais fácil se detectar essa condição em animais como os grandes predadores e carniceiros.²⁷

Na visão antropocêntrica o homem branco vê algo de animal nos humanos; já na visão indígena, ou seja, no antropomorfismo, há algo de humano nos animais. A concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos.²⁸

O autor citado, em uma palestra diz que:

Os antropólogos dizem sobre os mitos de origem da vida breve, onde cada cultura lida com a morte de uma forma, e esta forma explica como estes vivem. Segundo estes, a cultura ocidental explica a morte dizendo que o ser humano tem uma vida breve, limitada, porque no início dos tempos o homem teria cometido um pecado lá na origem, e por isso teria sido expulso do paraíso, vindo adquirir a morte em sua vida.²⁹

Já algumas culturas indígenas contam uma narrativa dizendo onde o ser humano vivia muito mais tempo, sendo praticamente imortal, e quando

²⁶ CASTRO. Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*, e outros ensaios de antropologia. p. 351.

²⁷ CASTRO. Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*, e outros ensaios de antropologia. p. 353.

²⁸ CASTRO. Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*, e outros ensaios de antropologia. p. 349.

²⁹ https://www.youtube.com/watch?v=8D_hwd4r0dc 22-11-2015

envelheciam simplesmente mudavam de pele, como vários animais o fazem, como se fossem recicláveis, e, tendo aparecido uma divindade naquela época, esta diz que no rio passariam alguns barqueiros e dentre estes estaria a morte. Esta poderia pedir ajuda ou solicitar a alguém para embarcar em sua canoa, mas seu pedido não deveria ser atendido. Aconteceu, no entanto, de alguém distraído ter atendido ao pedido daquela. Vindo a partir de então a morte fazer parte da vida daquelas pessoas. Adquirindo-se assim a condição mortal por uma equívoco.

Diz o antropólogo que na cultura Guarani, o problema não está na morte, mas sim no medo dos mortos. Enquanto na sociedade ocidental, na idade média, também não havia o medo da morte, tanto que esta ocorria como algo natural, sendo um evento praticamente público, onde as pessoas morriam, cercadas por parentes, durante conversas, com toda naturalidade e aos poucos, gradativamente, esse fato foi se tornando um evento privado, quase obscuro, passando a morte a praticamente ser escondida.

No perspectivismo ameríndio, não há porque esconder a morte, porque eles não têm medo dela, mas sim medo dos mortos. Pois a morte coloca no horizonte destes povos o aspecto não humano dos humanos existentes nos mortos. A morte é a transformação dos vivos em mortos, colocando de maneira muito dramática para os índios, o fato de que os humanos se transformam em algo que não é humano após a morte.

Os mortos continuam a existir de forma não humana após a morte sendo esta uma diferença muito importante em relação a cultura ocidental. O evento morte para estes povos acarretariam o desligamento da alma dos falecidos para um outro plano de onde estes ficariam a atrair os vivos, para a morte, por intermédio de sentimentos melancólicos, que culminariam com a morte destes.

Por lhes atrair para a morte, os falecidos passaram a condição de inimigos, principalmente no período logo em seguida a morte, onde os sentimentos estariam mais latentes, dizendo ainda o antropólogo que os índios não se dizem inimigos dos falecidos, ou ter raiva destes, o problema estaria no fato daqueles ficarem chamando-os logo após os seus falecimentos e com isto causariam tristezas que poderiam ocasionar as suas mortes.

Ainda segundo estas culturas, estes fatos passariam com o tempo, pois os falecidos acabariam por vir a tomar corpos de animais, onde viriam a viver depois de algum tempo do seu passamento.

Este conceito ou ideia de vida após a morte, evoluiu para o entendimento comum de que os animais invariavelmente podem estar abrigando a alma de algum familiar, ou antepassado, que ao falecer já agora na figura de um animal, estaria vindo a alimentar seus familiares com sua carne. Face a esse entendimento, surge o respeito que estes povos têm pelos animais, pois estes seriam uma progressão da vida de todos eles.

Para estes povos a condição humana, entenda-se esta como a posse de uma consciência, de ideias, desejos e vontades, não seria um privilégio do ser humano, mas sim uma condição da alma que todos seres possuem, sendo portanto, potencialmente pessoas.³⁰

Na visão indígena, o fundo comum das espécies é a humanidade, desta forma, homens e animais detêm a mesma posição de relevância. Assim, não ocupa o humano uma posição de superioridade em relação ao animal. Esse paradigma epistemológico do mundo indígena concebe todo objeto como um sujeito em potência.

A sabedoria sobre os aspectos da realidade é passada de geração à geração através dos xamãs. Os xamãs por sua vez atravessam o limiar entre dos mundos, o material e espiritual, e a partir daí, são capazes de conhecer a realidade mais complexa, acessível apenas aos iniciados.

Ao retornarem de suas viagens espirituais são eles que revelam à sua comunidade todo o conhecimento a que tiveram acesso por suas experiências. Estas experiências são contadas através de narrativas míticas, repletas de significados morais. Aqui segue-se uma amostra acerca do poder e do respeito dado aos espíritos de animais (*xapiri*), relatadas por um xamã:

Os *xapiri* são as imagens dos ancestrais animais *yarori* que se transformaram no primeiro tempo. É esse o seu verdadeiro nome. Vocês os chamam “espíritos” mas são outros. Vieram à existência quando a floresta ainda era jovem. Os nossos antigos xamãs os faziam dançar desde sempre e, com eles nós continuamos até hoje. Quando o céu se levanta no peito do céu, os *xapiri* dormem. Quando volta a descer, à tarde, para eles o alvorecer se anuncia e eles acordam. Nossa noite é o seu dia. De modo que, quando dormimos, os espíritos

³⁰ https://www.youtube.com/watch?v=8D_hwd4r0dc 22-11-2015

despertos, brincam e dançam na floresta. Assim é, são muitos mesmo, pois não morrem nunca. Por isso nos chamam “pequena gente fantasma”, e nos dizem: “Vocês são fantasmas estrangeiros porque são mortais!” Assim é. Em seus olhares, já somos fantasmas, porque ao contrário deles, somos fracos e morreremos com facilidade.

Os *xapiri*, no entanto, se parecem com os humanos. Mas seus pênis são muito pequenos e suas mãos só têm alguns dedos. São minúsculos, como poeira de luz, e são invisíveis para a gente comum, que só tem olhos de fantasma. Só os xamãs conseguem vê-los. Os espelhos sobre os quais dançam são imensos. Seus cantos são magníficos e potentes. Seu pensamento é direito e trabalham com empenho para nos proteger. Porém, se nos comportamos mal com eles, podem também ficar muito agressivos e nos matar. Por isso às vezes nos dão medo. Também são capazes de devastar árvores da floresta em sua passagem e até cortar o céu, por mais imenso que seja. Os verdadeiros *xapiri* são muito valentes! Apenas alguns deles se mostram fracos e covardes. Estes têm medo dos seres maléficos e da epidemia *xawara*.

Os espíritos se deslocam por toda a floresta, como nós, quando caçamos. Mas eles não andam sobre as folhas podres e na lama, eles voam. Também se banham nos rios, como nós quando sentimos calor, mas o fazem em águas puras que só eles conhecem. Também têm filhos, mas os seus são tantos e tantos que acham que os brancos têm muito poucos. Além disso, mesmo que fiquem muito velhos e cegos, os *xapiri* permanecem imortais. Por isso eles aumentam sem parar na floresta. Os que dançam para os xamãs não passam de uma pequena parte deles.³¹

Como se observa por intermédio destas narrativas míticas a sua realidade vai sendo passada ao longo do tempo dos mais velhos aos mais novos, e esta reflete o mundo onde vivem. Neste caso, são os xamãs que retroalimentam a cultura do mundo onde vivem estes povos, mantendo os seus conceitos, e forma de viver, ressaltando entre estes, as razões e fundamentos do cuidado e do respeito aplicado nos seus relacionamentos com os animais.

Essa narrativas míticas fundamentam e direcionam o pensamento indígena, bem como, a relação deles com os animais. Pois, para eles não há uma excepcionalidade humana em relação aos animais; comer é sempre um problema, porque o risco do canibalismo está sempre presente.

Na visão indígena há alma em tudo. Isso implica em uma relação absolutamente responsável pela alimentação que se serve de animais não

³¹ KOPENAWA, Davi, BRUCE, Albert. *A queda do céu*, palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p. 111.

humanos, pois implica em um conflito metafísico importante. E todo esse conhecimento é informado pela mitologia ou cosmovisão indígena através dos xamãs e pajés.

3 - POR UMA ÉTICA ANIMAL

O cuidado e o respeito com que aqueles povos tratam os animais, infelizmente não refletem a forma de viver da maioria da humanidade, isto acontece por inúmeras razões, entre estas, encontra-se o local onde vivem os povos ditos civilizados, onde a forma de transmitir a sua cultura não tem espaço para o xamã, estando a sua pessoa restrita neste mundo, a pratica de atividades, voltadas a religiosidade.

Por mais que os xamãs não transmitam aos povos ditos civilizados as razões e os fundamentos pelos quais se deva tratar os animais com respeito, não significa que estes não o mereçam, e ou que não deva ser praticado. Pois, tratando-se de ameríndios ou de homens brancos, todos, de uma forma ou de outra, relacionam-se com estes seres sencientes, de tal modo, que muitas das vezes suas vidas passam a ser dependentes desses.

Para se poder tratar os seres sencientes com respeito, necessário se faz ter para com eles uma conduta ética, onde se formaria um juízo de apreciação de qualificação da conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal.

Esta qualificação, passaria por uma necessária mudança da perspectiva especista com que o ser humano vê suas relações com os animais, onde estes são classificados como sendo seres de segunda categoria. O especismo é uma visão que o ser humano tem de que as demais espécies são inferiores a ele. Ou seja, o oposto do que pode-se verificar na visão dos indígenas.

Não há como tratar outro ser com ética ou respeito, se não o considerarmos devidamente, sem opressão, tanto assim, que alguns estudiosos, quando mencionam por exemplo, a palavra zoofilia, o fazem da seguinte forma:

Muito do que aprendemos na história do pensamento, foi inverter o sentido das palavras. Qualquer incipiente estudioso da etimologia das palavras entenderia que a palavra zoofilia deveria determinar a amizade por animais, uma vez que em grego a palavra *zoon* significa animal e *philen* significa amizade. Mas a maneira tacanha como nossa sociedade lida com os animais, faz com que esta, que deveria ser uma bonita palavra para uma bonita relação entre os animais humanos e não humanos, se verta em uma prática sexual “doentia” e que

explora os animais não humanos uma vez mais. Os torna objeto de uma prática sexual onde animais não podem ser nunca sujeitos, sendo assim, uma prática sexual opressiva. Lendo cuidadoso texto “Toda dor do mundo” de Pedro Arcanjo, fiquei pensando se não seria o caso de abandonar o sentido pejorativo e violento da palavra zoofilia para recuperar o seu sentido etimológico, na tentativa de buscar uma relação não opressiva com os animais. E minha leitura partirá da possibilidade de uma zoofilia interessante não apenas para os animais humanos, mas para os outros animais. De agora em diante, a palavra zoofilia não aparecerá mais aqui com uma conotação opressiva, mas, na tentativa de um abandono da opressão.³²

O autor deste texto, Wanderson, não se limita a relatar no caso, o uso da palavra zoofilia, mas, o seu relato vai muito além, abarcando o tratamento opressivo usado pelo ser humano em relação aos animais. Tanto assim, que em suas considerações sobre o livro comentado, discorre sobre a relação entre os animais, inclusos aí os seres humanos.

Ressalta a proposta de uma ontologia não especista, como algo benéfico não apenas para os animais não humanos mais para todos os animais, inclusos os humanos *in verbis*:

O texto de Pedro levanta uma série de questões zoófilas muito importantes, não apenas para os animais não humanos, mas para toda rede de relações possíveis também para humanos. E a proposta de uma ontologia não-especista apareceria não apenas como um benefício para os animais não humanos, mas para todos os animais incluso os que nós mesmos somos.

Se a produção de ontologias é algo que, do ponto de vista conceitual, é uma atividade humana, as consequências desta produção são sentidas por todo o planeta. As ontologias são diretrizes que nos dizem não apenas o que os seres são, mas também como podemos agir com esses seres a partir da descrição que fazemos deles. O especismo não é, por isso, apenas uma descrição das “espécies” como sendo diferentes entre si e valorando essas diferenças. Mas um guia de relações opressivas entre as espécies. Nesse sentido, uma ontologia não-especista tem, como bem marcou Pedro, a característica de ser um guia para outras relações, para relações não opressivas.

A opressão é um determinante do modo como estamos no mundo. É impossível pensar com precisão nosso mundo atual sem a presença da opressão. Se o mundo, com todas as suas benesses, é o que é, é em função da presença da opressão neste mesmo mundo. Por isso, uma ontologia não-especista, um mundo não-especista seria um novo mundo. Um mundo

³² NASCIMENTO, Wanderson Flor do, em comentários no livro *Toda dor do mundo: uma introdução a ontologias não especistas* de MATOS, Pedro Arcanjo.. Ed. do autor. Brasília DF, 2010, p. 123, 124.

outro, um mundo em que não sabemos ainda qual é, mas certamente, um mundo muito diverso deste. Desta maneira, a tentativa de uma ontologia não-especista, para a realização de um mundo não-especista, implica em uma revisão dos pilares fundamentais das maneiras como enxergamos a nós mesmos, os outros, o mundo e nossa relação com tudo isto. A mudança das imagens que temos dos animais (e das funções que a eles determinamos) significa a mudança na nossa própria imagem, e na imagem que temos do mundo como um todo e das relações éticas e políticas que estabelecemos com todo o mundo.

Quem sabe a proposta de uma zoofilia ontológica, ou de um mundo zoofilicamente descrito, não pudesse fazer da amizade um marco mais forte nas relações éticas e políticas que estabelecemos com o mundo. É uma aposta; que me parece valer muito a pena.

Com bem se pode observar, o emprego da ética no trato com os animais, não é algo tão simples de acontecer, pois segundo o autor citado, passaria por uma revisão da nossa forma de enxergarmos o mundo e a nós mesmos.

Mas mesmo que assim o seja, para que se possa viver de forma ética com os animais, isso significaria ter uma ética animal, uma conduta não opressiva com os animais, nesse sentido:

“Quero encontrar um jeito de falar com meus semelhantes humanos que seja calmo e não inflamado, filosófico e não polêmico, que traga iluminação e não divisão entre puros e pecadores, redimidos e danados, carneiros e bodes.

“Eu tenho acesso a essa linguagem, eu sei. É a linguagem de Aristóteles e Porfírio, de Agostinho e Aquino, de Descartes e Bentham, de Mary Midgley e Tom Regan em nossos dias. É uma linguagem filosófica que podemos usar para discutir e debater que tipo de alma têm os animais, se eles possuem razão ou se são, ao contrário, autômatos biológicos, se têm direitos em relação a nós ou se simplesmente temos deveres em relação a eles.”³³

Elizabeth nesse caso, se questiona sobre os direitos dos animais e os deveres que nós humanos temos para com eles, talvez neste caso, só após dirimidas tais dúvidas, surgiria a aplicação da ética para com eles.

[...] Garrett me faz confessar a capacidade impressionante que donos de cães como eu tem de mentir para si mesmos sobre fantasias conflitantes que projetamos sobre nossos cães em

³³J. M. Coetzee. *Elizabeth Costello*. Companhia das Letras (www.companhiadasletras.com.br). iBooks, p 137.

nosso treinamento inconsistente e avaliações desonestas do que está acontecendo realmente.³⁴

Trazendo Thomas Jefferson para o canil, Hearne acredita que a origem dos direitos está no relacionamento comprometido, não em identidades categóricas separadas e pré-existentes. Portanto, no treinamento, os cães obtêm os “direitos” em humanos específicos. No relacionamento, cães e seres humanos constroem “direitos entre si, tal qual o direito de exigir respeito, atenção e resposta. Hearne descreve o esporte de obediência canina como um lugar para aumentar o poder do cão de reivindicar direitos contra o humano. Aprender a acatar honestamente a um cachorro é a difícil tarefa do proprietário. A sua linguagem permanece implacavelmente política e filosófica, Hearne afirma que ao educar os seus cães ela “emancipa” um relacionamento. A questão acaba por não ser o que são os direitos dos animais, como se eles existissem pré-formados para serem descobertos, mas como um ser humano pode entrar numa relação de direitos com um animal? Tais direitos, enraizados na posseção recíproca, vão ser difíceis de dissolver; e as demandas que eles fazem são de mudança de mundo para todos os parceiros.³⁵

Como bem se observa dos textos citados, o emprego de ética no relacionamento com os seres sencientes, parece ser algo muito difícil de ocorrer, sem haver a transformação da forma de vermos o mundo, sem ser pelo prisma especista, antes, seria necessário que pudéssemos ver a condição do animal em sua outridade.

Nesse sentido, Donna é bem clara, ao relatar a importância da forma com que o ser humano interage, se relaciona com seus animais. No seu manifesto sobre os animais de companhia diz:

Acredito que todo relacionamento ético, dentro ou entre espécies, é tricotado a partir do forte fio de seda do alerta permanente da outridade-na-relação. Nós não somos um, e o ser depende em permanecermos juntos. A obrigação é perguntar quem está presente e quem está emergindo. Sabemos a partir de pesquisas recentes que cães, mesmo filhotes criados em canis, são muito melhores do que geralmente os lobos mais brilhantes ou os chimpanzés parecidos com os seres humanos em responder a pistas visuais humanas, indexicais (indicação) e gravadas em um texto para encontrar comida. A sobrevivência dos cães no tempo das espécies ou individualmente de forma regular depende também de seus seres humanos interpretes. Quisera que estivéssemos tão certos de que a maioria dos seres

³⁴ HARAWAY, Donna. <http://pt.scribd.com/doc/202637474/O-Manifesto-das-Especies-de-companhia-Caes-Pessoas-e-a-Outridade-Significante-TRANS-ECOQUEER#scribd> p. 29.

³⁵ HARAWAY, Donna. *O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante*.p.32. Versão online.

humanos responde melhor do que aleatoriamente se comparado ao que os cães lhes dizem. Numa frutífera contradição Hearne pensa que os idiomas que atribuem intenção aos condutores de cães experientes podem evitar o tipo de antropomorfismo literalista que vem seres humanos peludos em corpos de animais e medem o seu valor em escalas de similaridade com os sujeitos humanistas de direitos dos peludos da filosofia ocidental e teoria política.

Diante deste ponto de vista, temos que a princípio existe a necessidade de que o ser humano respeite o animal a partir de suas necessidades, como um ser vivo, com quem interage e co-habita.

Para que isto aconteça, esta relação, não poderia partir do pensamento de que o ser humano é o dono do animal, como se este fosse inanimado, pois se trata de uma relação entre seres vivos e não entre um ser e um objeto.

A materialização deste raciocínio não passaria por uma solução humanista, mas sim por uma relação diferenciada entre o ser humano e a natureza, nesse sentido Pedro diz:

(...)

Repensar a crítica a autonomia humana em uma perspectiva de atividade do mundo sobre o humano, um sentido radicalmente anti-humanista, é uma maneira de diminuir o empoderamento do humano sobre a natureza e assim, talvez entender de outra maneira as relações entre animais.

(...)

A lente holista para pensar os problemas não-humanos prescreve o descarte de soluções humanistas. Isso significa cristianismo, marxismo e existencialismo, que para Sloterdijk “são caracterizados lado a lado como variedades do humanismo que só diferem entre si na estrutura superficial: mais precisamente, como três modos de evitar a radicalidade última da questão sobre a essência do ser humano”.

Pensar a relação do humano com o espaço e com a natureza sob uma perspectiva diferenciada, não é apenas pensar o “não-reificante”, mas o integrante, que enxerga o ser humano como parte desta natureza. Desdivinizar a natureza e naturalizar, com uma nova natureza, os seres humanos. “É em sua natureza selvagem que o indivíduo se refaz melhor de sua desnatureza”. Chega de antropomorfização do mundo. De ver humanismo nas coisas. Se o processo humanista é o mesmo do Estado, o de submeter o múltiplo a uno e o de transformar fluxo em substância, liberemos o fluxo e pensemos o múltiplo. O que implica convivência com contradições, sensibilidade a contextos.³⁶

³⁶ MATOS, Pedro Arcanjo. *Toda dor do mundo: uma introdução a ontologias não especistas*. Ed. do autor. Brasília DF, 2010, p. 73 - 76/77.

Como se observa dessas considerações, a ética existente no momento entre o ser humano e os animais, é algo muito insipiente para uma melhora de relação entre o animal humano, e os outros animais não-humanos. Todos os autores dizem isto a sua maneira, apontando sempre uma solução ao que se parece ser um problema.

Ao longo da história da humanidade, tem se observado que de alguma forma o animal humano se preocupou em ter um tratamento ético para com os seres sencientes. Isso pode ter ocorrido até na intenção de que se pudesse absorver os poderes que aqueles possuíam, ou, com medo de que estes poderes pudessem ser usados contra si.

Esses fatos podem ser observados por intermédio da mitologia, que aliás, pelo que se percebe, muito ajudou no passado a que houvesse ética no trato com alguns dos animais, e isto vemos como o exemplo dado na página 18 sobre o mito de Bastet.

Por intermédio deste mito pode ser observar ser ele muito favorável aos animais não humanos, pois previa a pena de morte àqueles que matassem um gato, e este mito com certeza não é único. Como todo mito, ajudou a transmitir ao longo do tempo aos povos, não só as histórias de suas vidas, mas no caso em comento, uma ética no trato com os animais, sendo portanto, favorável a estes.

De qualquer forma a mitologia cria ou estabelece uma certa ética para com o trato dos animais, podemos verificar isto na mitologia xamânica que relata o “prestígio” do poder dos animais de estimação:

Os animais de estimação estão no centro da vida de muita gente, mas, embora estejam perto de nós, raramente surgem como animais de poder. Não foi sempre assim. Por um breve tempo após sua domesticação, animais como vacas e porcos foram reverenciados, o foco de muitos rituais.⁷ As pessoas pareciam identificar a capacidade especial dos animais de atravessar mundos – neste caso, da natureza para a cultura. Parece até que o gado era enterrado no lugar de pessoas em tumbas neolíticas (por volta de 3.200 antes de Cristo).⁸ Esses animais depois perderam o prestígio, embora comunidades Hindus ainda venerem a vaca. No entanto, se um animal doméstico aparecer para um pessoa no outro mundo, esta não deve rejeitá-lo. Trabalhar com animais de estimação vivos em outro plano é difícil, mas muitas pessoas acham que seus animais aparecem após a morte.

Nem todo animal precisa de um equivalente físico neste mundo para existir no outro. Como mostram as próximas páginas,

animais míticos não faltam. E o animal de poder de cada um tem características que vão muito além da capacidade física de sua espécie.³⁷

De outro lado, a mitologia ao relatar seus mitos, estabelecia uma certa ética no trato inclusive dos animais que seriam caçados para alimentar aqueles povos, e isso aconteceu não uma, mas inúmeras vezes por exemplo:

A caça fica escassa, e o xamã inuíte viaja ao fundo do mar à procura de Inua, Mãe do Oceano. Ele entra em sua toca com cuidado, acompanhado do seu animal de poder. Inua surge de repente, e o xamã cai para trás. Ele se levanta e luta com o espírito furioso e imundo. Quando o xamã vence, começa a limpar Inua de toda imundície acumulada por todas as transgressões cometidas pela comunidade, identificando cada erro. Então ele penteia-lhe o cabelo emaranhado. Agora que está bonita novamente, Inua liberará os animais de caça e a comunidade terá alimento. O *angakkuq* devolve, repreendendo os que quebraram as proibições, o poder do outro mundo canalizado nele.¹

MACHOS E FÊMEAS DOMINANTES

Como o inuíte da Groelândia, os gregos antigos viam o soberano dos animais como fêmea, e não macho. Na *Ilíada*, o grande épico da guerra de Tróia, Homero fala de Potnia Theron, a “Senhora dos animais”². Ele provavelmente se referia a Ártemis, a deusa grega da caça, que tanto protegia quanto vitimava conforme seu dever. Potnia Theron já era antiga na época de Homero. Durante a civilização minoica e no início da micênica, a Senhora aparece em jóias e objetos de artesanato como uma mulher ereta segurando um animal, mostrando seu domínio sobre a natureza. Ela ressurgiu logo antes do período clássico da Grécia “iniciado do século V a.C.”, antes de Ártemis assumir sua identidade.³

Em partes da Sibéria existe um Senhor dos Animais e o xamã (geralmente homem) tem que se casar com a irmã ou a filha do Senhor num ritual complexo⁴. Quando o xamã se torna genro, o Mestre concede um dote de animais de caça, e os cunhados-espíritos do xamã ajudam na caça. A crença em um Senhor dos Animais é comum entre povos caçadores e tem relação com a ambiguidade da caça⁵. Pedir (e receber) permissão antes de os caçadores tirarem uma vida transformava o assassinato cruel em uma troca justa. Em vez de um ato espiritualmente corrompido, matar por alimento é parte do trato feito com a natureza, personificada como o Senhor dos Animais. É uma maneira de garantir sustentabilidade tanto espiritualmente, com a troca de almas humanas por animais, como fisicamente, com a caça excessiva tendo terríveis consequências se o Senhor negar mais animais. Precisamos desesperadamente de uma abordagem parecida no Ocidente.

³⁷ WILLIAMS, Mike. *O espírito do xamã*. Magia, Filosofia e Espiritualidade em harmonia com a natureza, Ed. Alaúde Editorial, São Paulo, 2013, p.61.

Os celtas também reconheciam o Senhor dos Animais, representando-o no dinamarquês caldeirão de Gundestrup, do final da Idade do Ferro, como um chefe dotado de cornos ladeado por animais da floresta⁶. Imagens posteriores dessa figura aparecem, às vezes, com cascos fendidos, como Cernuno, o deus celta da abundância e do outro mundo.

Na Amazônia, o pajé, negocia não só com o Senhor dos Animais, como também com o Senhor dos Peixes⁷. Os pajés se transformam em bolhas de ar para poder ficar debaixo da água e pedir ao Mestre que solte mais peixes nos rios. O Senhor dos Animais pode enviar doenças, cobras ou tempestades para punir aqueles que matam animais sem permissão. Apaziguá-lo é tarefa difícil, pois ele se esconde na intrincada vegetação das montanhas. Ele geralmente aparece na forma de um anão vermelho vestido como caçador, carregando um arco e flechas. O Senhor ou Senhora dos animais tem muitas formas, mas a verdadeira imagem é imaterial. Ao viajar para encontra-lo (a), é preciso confiar no espírito que aparece, que pode não ser parecido com esses exemplos. É bem provável que uma pessoa use animais para alimentação e vestuário, ou mesmo que tome remédios testados neles. Então, está na hora de pedir permissão para isto e preparar-se para a possibilidade de o Senhor ou Senhora querer algo em troca. Outra ideia é fazer como os xamãs tribais e se perguntar como reduzir a própria sobrecarga na Terra, consumindo menos e garantindo a regeneração de recursos naturais. Isso tem muita relevância para nós atualmente.

Se a pessoa achar que deve se casar com um espírito como parte de sua jornada até o Senhor ou Senhora dos Animais, pode se expressar como fazem os xamãs Siberianos. Usando o couro, os chifres e outras partes características do animal, o xamã se move, soa e se comporta como o animal em si. De certo modo, ele se torna o animal e, como veremos a seguir, esta é uma boa maneira de corporificar o poder de outra criatura. A prática antiga de metamorfismo permite que o poder do outro mundo se canalize na pessoa.³⁸

Nestes textos claro está que antigamente os povos tinham sua forma de tratar os animais, que passava por mitologias, onde estes eram respeitados, tanto no trato como no abate. Numa demonstração clara daquilo que hoje podemos chamar de ontologia zoofílica.

A mitologia gerava respeito, havia uma ética embutida nesse respeito, como se observa no abate do necessário, sem excessos. Ou no pedido de permissão para a entidade espiritual que os dirigia, para poder abater o animal pretendido.

³⁸ WILLIAMS, Mike. *O espírito do xamã*. Magia, Filosofia e Espiritualidade em harmonia com a natureza, Ed. Alaúde Editorial, São Paulo, 2013, p.66-67.

Os animais naquele momento não eram tratados como algo material sem vida, e isso se sobressai em vários mitos que reportam haver espírito humano nos animais. Mesmo que assim não fosse, em outros, os animais poderiam receber tais espíritos, ou seriam protegidos pelos Senhor dos Animais, entidade que os protegia.

Na atualidade, ou fora da cultura ameríndia isso já não acontece, algumas espécies de animais são tratadas somente como objetos, sem que haja uma ética a balizar a utilização das suas vidas, isto se vê na banalização da vida animal citada por Wanderson quando:

(...) E isto faz bastante sentido, quando pensamos que nunca antes da Modernidade tantas vidas animais foram desperdiçadas para o exercício de manutenção de algumas outras vidas. E parte da dinâmica da colonialidade é a aplicação da violência de uma minoria quantitativa e sobre uma maioria quantitativa. Os números que Pedro traz logo no início do livro tomam, diante deste registro, uma inteligibilidade ainda mais perniciosa. Não começou agora a mortandade animal em função do consumo humano, mas o regime moderno de extermínio de vida animal alcança níveis numericamente impossíveis de ser reproduzidos antes do período moderno. E a sofisticação dos métodos modernos de extermínio, faz parecer que eles sejam menos cruéis, mais aceitáveis, mais desenvolvidos (aliás, o desenvolvimento é uma das marcas mais fortes da dinâmica moderna da colonialidade).

Entretanto, junto com esse processo se desenvolve numericamente a escala de mortandade. Desenvolve-se a insensibilidade frente à quantidade absurda de vidas mortas desnecessariamente, a insensibilidade frente ao desperdício de vidas (e desperdício de subprodutos das mortes – ver, por exemplo, o fato de que se joga fora carne não consumida nos abatedouros, açougues ou nos lares, lastima-se apenas o dinheiro investido que fora perdido e não as vidas que se perderam...).

As consequências desta colonialidade da vida e, especificamente, da vida animal parece, entretanto muito pouco problematizada por um modo de pensar filosófico que elegeu o ser humano como foco de suas reflexões. E mesmo as reflexões ambientalistas ocupam-se muito pouco dessa tecnologia de produção, cada vez mais crescente, de *bestias saccar*. É como se esse fato não fosse um problema, como se essa dinâmica de opressão ou não fosse um problema ou que o caso da mortandade animal não fosse um problema importante para os humanos.

Neste cenário, a insensibilidade afetiva cada vez se amplia. E não apenas a insensibilidade ao fato de se provocar a dor, o

sofrimento e a morte a animais, mas a insensibilidade à dor em geral.³⁹

Como se pode observar nos textos copiados, antigamente, nas culturas primitivas, o trato com os animais obedeceu ou obedece a um cuidado, que pode ser entendido como um cuidado ético. Nessas culturas percebe-se uma ontologia zoofílica, e não uma ontologia zoofóbica como normalmente encontramos a partir da Modernidade.

Nos parece que a partir da revolução industrial, o ser humano se voltou essencialmente para os bens materiais, sublevando de certa forma os valores éticos dos seus relacionamentos, sobretudo com os animais.

Diante dessa realidade os animais acabaram por se transformar em recursos para todo tipo de objetos que possam significar capital, inclusive, a comercialização do próprio animal, como ser de companhia, deixou de ser algo ético, para ser traduzido em puro comércio.

Arelado ao comércio do próprio animal de companhia, criou-se um outro comércio dos objetos periféricos necessários ou não a vida destes animais no contexto familiar.

Como um bem comercializável, os comerciantes utilizam-se de vários artifícios a fim de atingir seus objetivos, e com isto, a ética que deveria ser observada nesse relacionamento deixa de existir. Deixa de existir porque o importante é a obtenção de lucro na venda do animal. Observa-se que um animal vendido, irá requerer uma série de outros objetos supostamente necessário a sua vida, gerando a partir daquela venda inúmeras necessidades que só privilegiam o comerciante.

Tratando-se de uma cultura mercantil, as pessoas que comercializam os bichinhos, não estão preocupadas em sua maioria, com o bem estar do animal, procurando em sua atividade somente o lucro.

Por outro lado, nem sempre aqueles que os adquirem, tem a real consciência da importância do ato de ter um animal em seus lares, em suas vidas, muitas vezes, estes são adquiridos por mero impulso de momento, por mero modismo, sem que tenha havido a reflexão necessária para tanto.

³⁹ NASCIMENTO, Wanderson Flor do, em comentários no livro *Toda dor do mundo: uma introdução a ontologias não especistas* de MATOS, Pedro Arcanjo.. Ed. do autor. Brasília DF, 2010, p.130-131.

O apelo para a aquisição do animal é muito grande, sobretudo por ser praticado pelos atuais meios de comunicação que atingem os lares em todos os momentos possíveis, mas, isso não implica, que haja uma preocupação ética neste comércio.

Comprar ou adotar um animal de companhia é antes de tudo formar uma família entre multiespécies, e como tal deveria ser precedida de um maior cuidado e preparação, o que infelizmente não é o comum.

Isto porque o animal não é um brinquedo, não é uma criança, no que pese nas propagandas ser esta a imagem que nos é passada. Não obstante, o animal é um animal, e como tal, deve ser tratado, não tendo tal constatação nenhum demérito, apenas o reconhecimento de ser uma espécie que possui necessidades diferentes e que estas devem ser respeitadas e providas para que se possa garantir ao animal uma vida feliz e saudável.

Este bem-estar passa fundamentalmente pela ética animal, pois a felicidade do animal não está atrelada a modismos, ao consumismo e nem a supérfluos. O bem-estar passa sim por necessidades que devem ser analisadas a partir do viés da espécie, isso sim é ter ética animal, e respeitar a outridade significativa, nesse sentido Donna se manifesta:

Como viver de forma ética nestes fluxos mortais e finitos que são sobre o relacionamento heterogêneo – e não sobre “o homem” – é uma questão implícita na arte de Goldsworthy. A arte dele está implacavelmente em sintonia com habitações humanas específicas da região, mas ela não é nem humanista e nem uma arte naturalista. É a arte de naturezaculturas. A relação é a menor unidade de análise e a relação é sobre a outridade significativa em cada escala. Esta é a ética, ou talvez melhor, o modo de atenção com o qual é preciso abordar a longa co-habitação de pessoas e cães.

Então, em *O Manifesto das Espécies de Companhia*, quero contar histórias sobre o relacionamento na outridade significativa, através das quais os parceiros vêm a ser quem somos na carne e no signo. As seguintes histórias desgrenhadas de cães sobre evolução, amor, treinamento e tipos ou raças me ajudam a pensar sobre viver bem junto com o hospedeiro das espécies com quem os seres humanos emergem sobre este planeta a cada escala de tempo, corpo, e espaço. Os relatos que ofereço são idiossincráticos e indicativos em vez de sistemáticos, tendenciosos mais do que judiciosos e enraizados em fundações contingentes ao invés de premissas claras e distintas. Cães são a minha história aqui, mas eles são apenas um jogador no amplo mundo das espécies de companhia. Partes não se somam a totalidades neste manifesto – ou na vida em naturezaculturas. Em vez

disso, estou procurando pelas “conexões parciais” de Marilyn Strathern, que são sobre as geometrias contra-intuitivas e as traduções incongruentes necessárias para se começar juntas, onde os truques dos deuses da autossegurança e comunhão imortal não são uma opção.

Histórias de Evolução

Todo mundo que eu conheço gosta de histórias sobre a origem dos cães. Estofadas com significado pelos seus ávidos consumidores, estas histórias são a substância de alto romance e ciência sóbria, todos misturados juntos. Histórias das migrações e intercâmbios humanos, a natureza da tecnologia, os significados do selvagem e as relações entre colonizadores e colonizados inundam estas histórias. Questões como julgar se o meu cachorro me ama, tirando escalas de inteligência entre animais e entre animais e humanos, e decidindo se seres humanos são os mestres ou se os enganados podem depender do resultado de um sóbrio relatório científico. Avaliando a decadência ou a progressividade dos cruzamentos, julgar se o comportamento canino é o resultado de genes ou da criação, decidindo entre as reivindicações dos antigos anatomistas e arqueólogos ou dos novos e desnecessários assistentes moleculares, estabelecendo as origens no Novo e Velho Mundo, descobrindo o ancestral de vira-latas como um nobre lobo de caça persistindo nas modernas espécies ameaçadas de extinção ou em um gari modelo espelhado em meros cães de rua procurando por uma ou muitas Evas caninas, sobrevivendo em seu DNA mitocondrial ou talvez um Adão canino através de seus legados no cromossomo Y – tudo isto e muito mais são compreendidos como estando no jogo.

No dia em que escrevi esta seção de *O Manifesto das Espécies de Companhia*, notícias se alastraram sobre as grandes redes desde a PBS até a CNN sobre três artigos na revista *Science* sobre a evolução dos cães e a história de sua domesticação. Em minutos, listas numerosas de e-mails na terra dos cães foram criadas com a discussão sobre as implicações da pesquisa. Endereços de sites atravessaram continentes trazendo as notícias para o mundo ciborgue, enquanto que o meramente alfabetizado seguia a história nos jornais diários de Nova Iorque, Tóquio, Paris ou Joanesburgo. O que está acontecendo neste consumo floreado de histórias científicas sobre origens e como podem estes relatos me ajudar a entender a relação contida nas espécies de companhia?

Explicações sobre a evolução dos primatas e especialmente dos hominídeos podem ser a arena de brigas de galo mais famosa nas ciências da vida contemporânea; mas o campo da evolução canina dificilmente está em falta nas impressionantes lutas de cães entre os cientistas humanos e os escritores populares. Nenhum relato do aparecimento dos cães sobre a Terra é incontestável e ninguém vai ser considerado inadequado por seus partidários. Tanto no mundo canino popular quanto no profissional, o que está em jogo é o duplo: 1) a relação entre o que conta como natureza e o que conta como cultura no discurso ocidental e seus familiares, e 2) a questão correlata de quem e o que conta como um ator. Estas coisas

importam para a ação política, ética e emocional na tecnocultura. Um partidário no mundo das histórias e da evolução dos cães, procuro por formas de considerar a co-evolução e a co-constituição sem despojar a história de suas brutalidades assim como belezas multiformes.

Os cães foram os primeiros animais domesticados, deslocando os porcos para honras primais. Os tecnofílicos humanistas retratam a domesticação como o ato paradigmático do autonascimento masculino e de um genitor, pelo qual o homem se cria repetitivamente conforme ele inventa (cria) suas ferramentas. O animal doméstico é a ferramenta de mudança de época, percebendo a intenção humana na carne, numa versão de corpo canino do onanismo. O homem tomou o lobo (selvagem) e o transformou no cão (servil) e assim fez a civilização possível. Hegel e Freud miscigenados no canil? Deixe o cão para todas as espécies de plantas e animais domesticados, sujeito à intenção humana em histórias de progresso e destruição crescentes, de acordo com o gosto. Os seguidores da ecologia profunda adoram acreditar nestas histórias a fim de odiá-las em nome da Selvageria antes da Queda na Cultura, assim como os humanistas acreditam nelas a fim de se defender das invasões biológicas sobre a cultura.

Estes relatos convencionais têm sido totalmente remodelados nos últimos anos, quando o ato de distribuir tudo é o nome de todo o jogo, incluindo no canil. Apesar de eu saber que eles são modismos, eu gosto destas versões metaplásticas e remodeladas que dão aos cães (e a outras espécies) os primeiros movimentos na domesticação e então coreografa uma dança interminável de agências distribuídas e heterogêneas. Além de ser modismo, penso que as histórias mais novas têm uma chance melhor de serem verdade, e elas certamente tem uma melhor oportunidade de nos ensinar a prestar a atenção à outridade significante como algo além de um reflexo das intenções de alguém.⁴⁰

Não só por este relato, mas por tudo o que se observa na atualidade, no que pese existir um certo modismo na aquisição dos animais domésticos, ou de companhia, parece existir no mundo, um movimento cada vez maior incentivando a compra de animais para se ter em casa.

Nos EUA e na Europa, várias atrizes se engajaram em campanhas de proteção aos animais, se recusando a usar roupas fabricadas com material oriundo destes seres. Exemplo disso, Brigitte Bardot. Surgiram movimentos defendendo a proibição da pesca das baleias (WWF).

De uma forma geral, parece que as pessoas estão se conscientizando da importância da preservação dos seres vivos que nos cercam e

⁴⁰ HARAWAY, Donna. *O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante*.p.32. <http://pt.scribd.com/doc/202637474/O-Manifesto-das-Especies-de-ompanhia-Caes-Pessoas-e-a-Outridade-Significante-TRANS-ECOQUEER#scribd> 30-11-2015

paulatinamente sob vários argumentos, estão tomando posição no sentido, inclusive, de boicotar atividades ou festas culturais onde os animais eram maltratados e ou sacrificados. Vide touradas, corrida de touros, rinhas de galos de briga, festas de peões, entre outros.

Essa adoção de posição, apesar de ser cada vez mais crescente, parece estar fundamentada no argumento de que somos civilizados e por isso, temos que ter um maior cuidado com o meio ambiente e com os seres vivos que nos cercam.

Para tanto, basta adentrar os petshops existentes nas grandes cidades e lá poder-se-á encontrar de um todo supostamente necessário à facilitação da vida e da longevidade dos animais, partindo-se dos inúmeros tipos de rações hoje disponíveis no mercado, chegando-se ao ponto da existência de roupas e calçados para animais, sem adentrarmos nos produtos veterinários.

No entanto, apesar das aparências, nos textos lidos, encontramos uma insensibilidade muito grande com a vida dos animais de abate, talvez não para com estes, pois em um contexto mais simples, temos as roupas comercializadas para uso em animais domésticos, onde ultrapassada uma visão superficial, verifica-se ser completamente anti-natural o seu uso, como exemplo, os sapatinhos de cães, que visam proteger suas patas, mas impedem o uso de suas garras, que tem sua finalidade de existir.

CONCLUSÃO

Os mitos além de veicularem a história, a cultura de um povo, como parte destas, serviram para preservar vidas de animais. Não só isto, mas para ensinar e perpetuar ao longo do tempo uma forma respeitosa de se tratar os animais.

Bem verdade, que em algumas culturas, nem todos animais eram objeto deste respeito, mas, em outras em compensação, a ética com que estes deveriam ser tratados abarcava se não todos, pelo menos a sua maioria.

De outro giro, nem todos os mitos foram favoráveis a estes, alguns os levavam ao sacrifício em nome de Deuses, de obtenção de poderes entre outros.

Os mitos de uma certa forma acabaram efetivamente por beneficiar os animais, quando estabeleceram forma para tratá-los. Os mitos xamânicos, são prova disto, onde era passado de geração à geração, que os animais em algum momento viriam a abrigar almas de antepassados, de familiares, e, por isto deveriam ser respeitados.

Com o passar do tempo, a medida que os povos foram se modernizando, houve uma quebra entre os mitos e o conhecimento científico, que passou a questionar as verdades veiculadas naqueles.

Com esta quebra, os mitos foram se perdendo, e o dito homem científico foi se atendo cada vez mais a tecnologia e ao ganho material, o que gerou uma insensibilidade no trato com tudo a sua volta, o que acaba por refletir nas questões éticas. O mito vira neste caso mera aberração. A vida animal vira mero recurso.

Teoricamente supõe-se que o avanço tecnológico propicia uma melhora ética no trato das pessoas em relação ao mundo a sua volta, o que refletiria no trato com os animais, mas na realidade, não é isso que se constata.

Por mais que tenha ocorrido um aumento na aquisição de animais de estimação nos últimos anos, e, parece que isto ocorreu em todas as partes do mundo, isso não implica na ocorrência concomitante de uma melhora ética no trato com os animais, só houve mesmo, um aumento na aquisição dos bichinhos de estimação.

Tanto isto é verdadeiro, que as pessoas que comprem estes animais, muitas das vezes, não têm o compromisso que deveriam ter com suas vidas e com sua manutenção na família, agora constituída, como multiespécies.

De outro giro, a insensibilidade passa pela falta de percepção de que muitos bens adquiridos para estes animais, na verdade, ao invés de ajuda-los a melhorar sua qualidade de vida, acabam por vir a prejudicá-la.

É necessário ter-se em mente a importância de relacionamentos éticos, seja dentro da mesma espécie ou entre espécies diferentes. Nesse contexto, verifica-se que no trato mercantilista com os animais de abate, essa importância não se encontra presente, vide a desvalorização de suas vidas, em contra partida ao interesse do ganho pela comercialização de suas partes.

Talvez uma abordagem a partir de ontologias zoofílicas somadas ao reconhecimento de outridades significantes fossem capazes de trazer uma consciência ética mais eficaz na relação entre animais humanos e animais não humanos.

Pelas considerações e textos estudados, no que pese a existência nos dias de hoje de toda uma propaganda voltada aos cuidados no trato com os animais, mais precisamente naqueles ditos de estimação, de uma forma geral, parece-nos ter ocorrido um distanciamento da ética com a qual estes deveriam ser cuidados.

Os cuidados apregoados, estão voltados muito mais a um consumismo de uns e materialismo de outros do que as reais necessidades daqueles. Havendo portanto muito ainda a ser feito, para melhorar o relacionamento ético entre animais humanos e animais não humanos.

Quanto à sacralidade dos animais, verifica-se que poucos foram considerados sagrados, e mesmo assim, isto não se estendeu aos demais, tampouco persistiu no tempo até os dias atuais. No entanto, aqueles que realmente foram considerados como sagrados, acabaram por receber na ocasião um tratamento ético, que se fosse estendido aos demais animais, talvez tivesse repercutido de forma diferente nos dias atuais.

Não se pode deixar de citar, que a sacralidade de alguns, de outro ponto de vista foi perniciosa, pois, acabou por ocasionar o infortúnio de outros seres, posto que foram sacrificados em nome daqueles.

Por fim, pelo visto, o caso do garoto que transportava seu animal de estimação, demonstra que ele conseguiu juntar uma ontologia zoofílica com o reconhecimento de uma outridade significativa, e isto, parece ter sido algo fora do normal, pela repercussão que provocou na imprensa mundial.

Muito provavelmente a atitude do jovem foi inspirada por uma sensibilidade ética pessoal e não um conhecimento científico. Se o mito influenciou ou não este jovem em suas ações não se pode determinar, mas se assim o foi, este mito tinha um fundo de bondade, de amor, o que demonstrou na ética e no cuidado que teve para com seu animal.

A ética, o cuidado e o respeito passam necessariamente por um processo relacional entre um “eu” e um “outro”. Talvez este seja o ponto crucial onde o mito possa trabalhar heurísticamente. Não apenas como um eufemismo, mas antes como uma consciência cultural constante, uma preocupação com a outridade, uma preocupação constante com os outros da mesma espécie, ou de espécies diferentes. O mito possui um poder de sensibilizar talvez maior e melhor que um discurso puramente racional.

Retornando aos exemplos dados no trabalho é possível se perceber o quanto o aspecto mítico influenciou as culturas examinadas. Neste viés, foi constatado que onde a mitologia era favorável a um tratamento ético para com os animais, estes recebiam sim um tratamento mais respeitoso.

Por outro lado, nas culturas onde os mitos não eram favoráveis aos animais não-humanos, ou seja, onde os mitos reproduziam uma visão antropocêntrica, os animais não recebiam um tratamento ético por meio dos animais humanos.

Assim, resta-nos inferir que conforme a narrativa mítica existente, tem-se uma maneira de lidar com os animais sencientes. Quando a narrativa é favorável em termos de uma ética animal preocupada com o cuidado e o respeito em relação aos outros seres, percebe-se um trato ético na vida fora da mitologia.

Infelizmente, o inverso também ocorre. Quando a narrativa mítica possui um cunho negativo no trato com os animais, também é encontrado um comportamento antiético, ou antropocêntrico em relação aos animais.

Quando reconhecemos a imensa gama de mitos pelos quais somos constantemente influenciados é possível sim identificarmos o real poder destas

narrativas. Talvez o caminho seja a escolha de qual mito se seguir. Ou de qual mito se abolir.

Os exemplos nos mostram de maneira inequívoca como podem ser pedagógicas as narrativas míticas. A partir dessa capacidade pedagógica pode-se implementar uma sensibilização ética no trato para com outros seres, sejam de espécies diferentes, ou sejam de seres da mesma espécie.